

**Impresso
Especial**

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

...CORREIOS...

**DE PORTO ALEGRE
A CARACÁS**
O RETRATO
DO COTIDIANO
DE QUEM FAZ
A HISTÓRIA

ANGELA GANEM
O processo de criação
de uma universidade
pública na Baixada
Fluminense

ADverso

Jornal da Adufrgs nº 138 - Novembro/2005



Ponto de encontro
de estudantes e
professores da
Ufrgs desde 1967,
o antigo Bar da
Filô, hoje Antônio
Lanches, tem muita
história para contar.
Ali, sempre se
namorou, estudou,
e discutiu política.

BAR DA FILO

Bastidores do Movimento Estudantil

Festa de Fim de Ano

**Venha se divertir
no jantar dançante**

**Dia 18 de dezembro
Às 19h30min
Na Sede da AABB
Rua Coronel Marcos, 1000
Ipanema**

**Ingressos
à venda nas
sedes da Adufrgs
na Rua Otávio Corrêa, 45
e no Campus do Vale**



ADufrgs
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS

ADufrgs
Seção Sindical da ANDES-SN
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS

Seção Sindical da Andes-SN
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP: 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

Diretoria
Presidente: Eduardo Rolim de Oliveira
1º vice-presidente: Cláudio Scherer
2º vice-presidente: Lúcio Hagemann
1ª secretária: Zuleika Carreta Corrêa da Silva
2º secretário: Mauro Silveira de Castro
1º tesoureiro: José Carlos Freitas Lemos
2º tesoureiro: Marcelo Abreu da Silva
1ª suplente: Regina Rigatto Witt
2ª suplente: João Vicente Silva Souza

ADverso

Publicação mensal impressa em papel
Reciclado 75 gramas
Tiragem: 4.500 exemplares
Impressão: Comunicação Impressa
Produção e edição: Veraz Comunicação Ltda

Editora: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)
Reportagem: Maricélia Pinheiro, Nara Branco
(6470/80) e Zaira Machado (RJP 7812)
Ilustrações: Mario Guerreiro
Projeto gráfico e diagramação: Fabícia Osanai

04 Nota Adufrgs

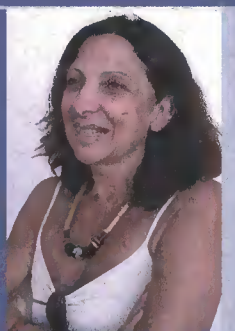
05 Sindicato local

06 Entrevista

ANGELA GANEM

(professora da UFF)

"Nosso sonho era criar um Centro de Humanidades que não existe no Brasil"



10 Vida no Campus

12 Artigo

Ingresso extra-vestibular

13 Central

Uma janela para a história

Ponto de encontro de estudantes e professores, o Bar da Filosofia, conhecido nos anos 60 e 70 como "Bar da Filô", se tornou uma marca na vida acadêmica no Campus Central da Ufrgs.

17 Artigo

O império não é tão feio assim?

18 Aquecimento global

20 Prestação de Contas

21 Feira do Livro

22 WWW

23 Orelha

24 Hipermídia

Cotidiano da América Latina em fotos

26 Observatório

27 A História de Quem Faz

MOVIMENTO DISCENTE

.....

Tão importante quanto os demais, o Movimento Discente representa uma parcela extremamente significativa dentre os que integram a Ufrgs, juntamente com o corpo docente e os técnico-administrativos. Da mesma forma que os outros, sempre teve uma participação ativa em reivindicações que visavam, antes de mais nada, a melhoria das qualidades de ensino, pesquisa e extensão que tornaram a nossa Universidade uma das melhores que existe hoje no País.

Um exemplo disso foi o Centro Acadêmico Franklin Dellano Roosevelt, da antiga Faculdade de Filosofia, um centro de efervescência política e cultural na época áurea daquela unidade, especialmente na década de 60, quando se constituiu numa verdadeira universidade dentro de nossa Universidade, com seus 14 cursos de graduação, funcionando simultaneamente no mesmo local. Foi nesta época que se constituiu aquele Centro Acadêmico, o único na Universidade a funcionar num regime parlamentarista. A eleição direta dos alunos se dava para o cargo de presidente que indicava um chefe de secretariado com diversas pastas para administrar a entidade. Foram nestes centros, juntamente com os das demais unidades que integravam nossa Universidade, que se formaram grandes lideranças estudantis, mais tarde integradas à vida política, cultural e administrativa de nosso Estado e do País.

Na fase mais negra da repressão política, os diretórios acadêmicos, dentre eles com destaque especial para o da Filosofia, representaram verdadeiras trincheiras de discussão de temas da política nacional, sempre sob o cerco do famigerado Decreto Lei nº 477, que arbitrariamente punia até com expulsão sumária, sob acusação de agitação, os estudantes que ousassem maiores avanços no debate político. Medida essa, adotada em várias oportunidades no âmbito da Ufrgs.

Vale registrar também, que em nossa Universidade se constituiu, nos idos de 1937, de maneira formal a primeira entidade representativa de estudantes, a Feupa (Federação de Estudantes da Universidade de Porto Alegre), a única existente no Estado naquela época, formada por então estudantes que se constituíram posteriormente em docentes com destacada atuação em nossa vida acadêmica.

O espaço político ocupado pelos centros acadêmicos foi, em grande parte, preenchido após a redemocratização do Brasil pelos partidos políticos, deixando uma lacuna que precisa ser desenvolvida para tornar mais rico e acalorado o debate em torno dos grandes temas que envolvem hoje a universidade brasileira, inclusive a sua própria reforma, tão necessária e sempre adiada.

MARCHA DOS SEM

Dez anos de luta contra o neoliberalismo

Pelo 10º ano consecutivo, a Marcha dos Sem conseguiu reunir uma multidão que coloriu as ruas de Porto Alegre no dia 25 de novembro.

Clarissa Pont



A temperatura amena, depois de uma semana de calor, ajudou no deslocamento das colunas de manifestantes de vários pontos da cidade até o Centro. Eram trabalhadores, estudantes, políticos, dirigentes sindicais e trabalhadores sem-terra que reivindicavam mudanças na política econômica, valorização do salário mínimo, redução da jornada de trabalho, acesso à terra, moradia, trabalho, investimentos na segurança, saúde e educação. O desmonte da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), que vem sendo promovido pelo atual governo do estado, foi lembrado pelo protesto dos estudantes. Os manifestantes cravaram, na Praça da Matriz, uma pedra em comemoração aos 10 anos da Marcha e para garantir que esta não seja retirada do local, seria enviado ainda em novembro um Projeto de Lei para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

NOTA À SOCIEDADE

A Assembléia Geral dos docentes da UFRGS, filiados à ADUFRGS, reunidos em 17 de novembro de 2005, deliberou informar à sociedade o que segue:

A proposta que o Governo Federal apresentou aos docentes das Universidades Federais foi diferente para os professores das duas carreiras (ensino básico – ensino superior). Para o ensino superior a proposta consta de um aumento de 50% no incentivo a titulação (que compõe o vencimento básico), aumento na GED (Gratificação de Estímulo à Docência) para os professores que não têm doutorado e, no início de janeiro, a criação da classe de Professor Associado em maio, aumento da GED de 65 para 82% do valor máximo para os professores aposentados que não recebem a GED integral. Com esta proposta os professores de 3º grau receberão em 2006 aumentos de no mínimo 7,69%, que se refere à inflação de 2004, sendo que os professores doutores, titulares e aposentados receberão valores maiores.

A proposta traz em si duas limitações graves: não prevê reajuste em 2005 e nem a recuperação das perdas salariais deste ano, além de não trazer a paridade entre ativos e aposentados na GED.

Em relação à proposta para os professores do ensino básico, a lógica é completamente diferente: prevê reajuste de 12% no vencimento básico e a criação de classe de Professor Especial, para a qual poderão ascender os professores dependendo apenas de seu tempo de magistério. Essa diferença aumenta ainda mais a distância que já existe entre as duas carreiras (ensino básico – ensino superior) dificultando a criação de uma carreira única para os professores de 1º, 2º e 3º graus da universidade.

O governo federal, apesar de seus compromissos pré-eleitorais de recuperar o serviço público - o que implica também em salários dignos para seus servidores - optou por um modelo econômico que privilegia o grande capital financeiro nacional e internacional.

Mais que palco de escândalos financeiros, este governo patrocina uma das maiores transferências de renda da história para o sistema financeiro que parasita nossa economia e que se apropria do nosso trabalho.

Esquecendo que está tratando com professores universitários, muitos dos quais de grande competência no que se refere às questões econômicas, publica um *a pedido* na grande imprensa, manipulando e omitindo fatos.

Diz que disponibiliza R\$ 500 milhões (agora elevados para 650) para atender as reivindicações dos professores, mas omite que é sobre 2 anos, porque em 2005 não houve reajuste para a categoria.

Quanto à expansão do ensino superior público disponibiliza um número mesquinho de vagas em concurso, preferindo propor para os estudantes carentes, bolsas no ensino privado.

Com um superávit primário que chega a 6% do PIB (cerca de 120 bilhões) praticando as maiores taxas de juros do planeta, relegando a segundo plano a saúde, educação e emprego, este governo trai os que nele-depositaram sua confiança e joga o País na triste sina da dependência e da barbárie.

Assembléia Geral ADUFRGS

DIA DO PROFESSOR

Jantar reúne docentes de todas as gerações

Comemoração reuniu mais de uma centena de professores na Galeteria Vêneto, em Porto Alegre, na noite do dia 14 de outubro. Aos 97 anos, o professor aposentado da Ufrgs, Júlio de Castilhos, que recebeu uma homenagem especial da Adufrgs, proferiu discurso e chorou, ao desejar aos colegas da ativa uma longa e bem sucedida carreira acadêmica. O jantar contou com as presenças do vice-reitor da Ufrgs, Pedro Fonseca e de vários pró-reitores.

Na ocasião, foi lançado o pacote de convênios da Adufrgs, que abrange diversas áreas, e as carteiras de sócio. Antes, o presidente da entidade, Eduar-

do Rolim de Oliveira, apresentou os resultados da pesquisa de opinião realizada recentemente junto aos sócios, que revelou uma demanda significativa pela realização de convênios.



Fotos Clarissa Pont

II Encontro de Coros

Um público de aproximadamente 150 pessoas prestigiou o II Encontro de Coros da Adufrgs, no dia 19 de novembro, no Salão de Festas da Reitoria da Ufrgs, Campus Central, em Porto Alegre. O evento, que teve entrada franca, contou com as participações dos corais da Adufrgs, do Hospital Cristo Redentor, de Porto Alegre, o Coral Canto Livre, de São Francisco de Paula e o Vocal Argentum, de Novo Hamburgo, que apresentaram um repertório de música popular brasileira. Na avaliação da coordenadora do Coral da Adufrgs, Laura Verrastro, o Encontro foi mais uma oportunidade



de tornar público o trabalho não só do Coral da Adufrgs, mas de vários outros do Rio Grande do Sul. "Foi um momento cultural muito interessante que reuniu a comunidade acadêmica e o público em geral", disse.

Apoio à fundação de sindicato local é adiado

Por entenderem que a questão é delicada e polêmica e que, por isso, exige maiores discussões, a maioria dos professores presentes na assembleia do dia 2 de dezembro deliberou pelo adiamento da votação de um possível apoio da Adufrgs à criação de um sindicato local.

A diretoria da entidade alertou para o risco que os associados correm de perderem ações jurídicas devido à falta de registro sindical da Andes, cassado recentemente pelo Ministério do Trabalho. Segundo relato do presidente da Adufrgs, Eduardo Rolim de Oliveira, os filiados à Apubh, associação que congrega docentes da UFMG, perderam recentemente uma ação judicial, sob o argumento da falta de carta sindical.

Diante das ponderações de alguns professores de que o tema não havia sido discutido em profundidade e de que não houve um prévio diálogo com a Andes, a diretoria da Adufrgs informou que a comunicação com a Andes tornou-se impossível nos últimos meses, em decorrência do desgaste político entre a entidade nacional e algumas ADs que não seguem a mesma linha política.

Outra informação repassada na assembleia é de que foi feito um levantamento jurídico completo sobre a situação, que constatou a gravidade do fato dos professores estarem, legalmente, sem representatividade sindical e a viabilidade da fundação de um sindicato local. Foi informado ainda que esse movimento já existe em várias outras ADs, inclusive em estágio mais avançado, e que a idéia é se criar, em um futuro próximo, uma federação que reúna todos estes novos sindicatos de professores das Instituições Federais de Ensino Superior.

Entre as contestações estão as de que esse possível rompimento com a Andes seria por questões essencialmente políticas. Mas a diretoria contra-argumenta que a fundação de um sindicato local não significa, necessariamente, uma saída da Andes, mas uma alternativa para garantir aos professores maior segurança nas questões judiciais. Caso seja aprovado o apoio da Adufrgs à fundação de um sindicato municipal, este se dará em termos materiais e políticos.

.....
 Angela Ganem

"Nosso sonho era criar um Centro de Humanidades que não existe no Brasil"

Doutora em Economia pela Universidade de Paris 10, em Nanterre, na França, e uma das diretoras da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Ângela Ganem integra um programa de extensão da UFF denominado Escola de Governo da Baixada Fluminense. O programa funciona graças ao trabalho de alguns professores que alimentam o sonho de criar um Centro de Humanidades, público e gratuito, com um

currículo interdisciplinar relacionado com a autogestão. Ela esteve em Porto Alegre, a convite da Adufrgs, para falar sobre "Universidade Pública e Compromisso Social: a UFF na Baixada Fluminense". Nesta entrevista, Angela fala da experiência da Escola de Governo e das dificuldades para criar a universidade pública, uma demanda da população da Baixada Fluminense.

.....
 por Nara Branco

Adverso | Por que a Baixada Fluminense?

Angela Ganem | A decisão de ir para a Baixada Fluminense se deu em função de esta ser uma região composta de 13 municípios com 3,5 milhões de habitantes, por ser uma região excluída socialmente e a mais violenta do país. Além disso, lá não havia nenhum centro de formação no sentido amplo do tema. Existe a Escola Rural de Seropédica, mas que ainda não atende o "coração" da Baixada, que inclui os municípios de Nova Iguaçu, São João do Meriti e Caxias.

Adverso | Como começou a Escola de Governo?

Angela Ganem | Em outubro de 2002, começamos a nos reunir na Secretaria de Desenvolvimento da Baixada. O secretário nos abrigou e, com isso, formamos um grupo de trabalho para tentar resolver o problema da Baixada, porque a Baixada é exclusiva no ponto de vista

Fotos Clarissa Pont



"O objetivo era oferecer cursos de gestão que tivessem como pano de fundo a discussão maior das ciências sociais"

da região metropolitana do Rio de Janeiro. Quer dizer, além da questão da violência, não tem saneamento, não tem saúde, não tem nada. Fomos para lá, fizemos várias reuniões e esboçamos o projeto, bastante abstrato no início, mas que foi sendo trabalhado na prática. No início, a idéia era oferecer cursos livres, tanto que a escola se confundia muito com a idéia de uma universidade livre, mas também criar núcleos de pesquisa, de extensão, etc. No nosso entendimento, não era possível formar um gestor, sem que ele conhecesse a realidade que estivesse vivendo e como nosso grupo também era formado por sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e economistas, achamos que essa idéia era exequível. O objetivo era oferecer cursos de gestão que tivesse como pano de fundo a discussão maior das ciências sociais, o que seria não apenas entender a complexidade do fenômeno social abstratamente, mas ter a Baixada como objeto de estudo e fazer o

movimento de volta, ou seja, ter a capacidade de refletir sobre a Baixada e da Baixada refletir sobre as ciências humanas e sociais em geral.

Adverso | O começo foi difícil?

Angela Ganem | Ficamos de início na Secretaria de Desenvolvimento da Baixada que era de um prefeito de São João do Meriti que, por ser do PT, já tinha uma certa participação, o que facilitou a articulação. Então, resolvemos conformar esse projeto, que seria aberto. Quando elaboramos os cursos é que começamos a aprofundar realmente o que queríamos. Isso aconteceu somente seis meses após a implantação dos cursos de introdução às Ciências Sociais. Antes houve um ato inaugural, no final de 2002, que foi também um ato político, porque convidamos todas as lideranças políticas, comunitárias, reitores. Foi totalmente intencional, porque sabíamos que para ter sucesso era necessário uma participação política e uma articulação com as lideranças locais. No dia do ato inaugural, quando teve uma exposição de outras experiências de escola de governo, nós firmamos a idéia de que esta seria gratuita. Como a gente ia fazer, não me pergunte...

Adverso | E por que o nome Escola de Governo?

Angela Ganem | Isso foi uma idéia da professora Inês Patrício, que havia feito cursos de gestão pública e se preocupava com isso. Então, essa questão de Escola de Governo dá a idéia de autogovernável, ou seja, de governar a Baixada. É uma forma de contrapor os cursos de gestão de outras escolas de governo, porque essa tinha um caráter completamente diferente. A gente tinha alguns compromissos, que eu acho interessante colocar, que eram: primeiro que ela fosse livre, no sentido de não estar ligada aos poderes locais, nem ser uma ONG e sim uma alternativa aos modelos de capacitação de gestores públicos.

Adverso | Como vocês conseguiram se inserir naquele espaço e interagir com a comunidade da Baixada?

Angela Ganem | Primeiro viemos com esse projeto ambicioso, criamos esse

A Escola de Governo da Baixada traz a idéia de autogovernabilidade, de autogestão e de governar a Baixada. É uma forma de contrapor os cursos de gestão de outras escolas de governo, porque essa tinha um caráter completamente diferente.



ato político, que chamou a atenção de uma variedade infinita de pessoas que ficaram atraídas por ele. Nesse mesmo dia a Associação de Moradores de São João do Meriti ofereceu o espaço físico. Ganhamos o apoio da Faperj (Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro) com a concessão de bolsas. Então tínhamos o local e algumas bolsas para começar, mas não havia equipamentos, funcionários, transporte. As prefeituras começaram a nos emprestar vans para levar e trazer os professores, já que todos eles eram voluntários. Criamos um núcleo no qual havia pessoas da comunidade que aderiram ao projeto com algumas bolsas de apoio técnico. Não tínhamos apoio institucional de uma universidade nem recursos do exterior e, mesmo contra a Faperj, demos bolsas

para pessoas de ensino médio para fazerem política. Apareceram projetos do exterior, mas a gente não tinha tempo para ver isso. Nós decidimos jogar a proposta da Escola de Governo dentro da UFF, como programa de extensão. Então ficamos ao abrigo da universidade que foi uma coisa importante. A universidade é algo que, por princípio, te permite esse tipo de ação, principalmente através das pró-reitorias de extensão. A gente entrou através do Projeto de Extensão Institucionalizado da UFF e ficamos numa situação precaríssima de recursos e tudo era aparentemente muito caótico, mas os resultados eram muito bons e as demandas começaram a surgir.

Adverso | De todo esse trabalho desenvolvido na Baixada Fluminense

A experiência da extensão é ímpar, porque são cursos sem pré-requisito formal. Uma ruptura com todos os padrões pedagógicos, porque as pessoas acham que não é possível levar doutor para a Baixada, num lugar pobre, onde os moradores só têm o secundário

existe algum caso prático interessante?

Ângela Ganem | Tem o caso da Rosane Caetano. Ela, uma feminista, com uma bolsa da Faperj montou um pré-vestibular popular sozinha lá na Baixada, com professores bolsistas.

Adverso | *Como funcionam os cursos?*

Ângela Ganem | Os cursos são anuais. Os dois primeiros aconteceram em 2003. Em 2004, foram cursos de gestão, completamente diferentes dos primeiros. Aí eles pediram para repetir o curso de Ciências Sociais em Caxias, um outro município, mas recuamos na última hora, não que a gente não quisesse ir para Caxias, mas por causa do desdobramento, das consequências do ponto de vista político. Mantivemos os cursos de extensão, mas a energia toda foi para criar a universidade pública. A campanha pela universidade pública, começou na sala de aula. Era um desejo antigo da Baixada, já havia assim um processo de luta, apoiada até pelo PMDB. Só que teve um impulso muito maior porque os cursos eram lotados. A gente não tinha lugar para dar aula, eram 230 alunos numa sala. No final dos primeiros seis meses, eles receberam um diploma, da pró-reitoria de extensão. Aí, o que nós fizemos? Nos cursos, na sala de aula e na própria abertura do curso nós falamos coincidentemente o seguinte: "Temos claro qual é a nossa utopia. A Escola de Governo da Baixada Fluminense é para nós o embrião de uma universidade pública gratuita, laica, livre, democrática e humanista". A gente já no meio da história viu que estava evoluindo para uma universidade pública, que aquilo era o embrião. A experiência da extensão, no entanto, é ímpar, porque são cursos

sem pré-requisito formal. Essa foi outra coisa que nos trouxe assim uma experiência muito enriquecedora, porque na verdade é uma ruptura com todos os padrões pedagógicos, porque existe todo um preconceito, as pessoas acham que não é possível levar doutor para a Baixada, um lugar pobre, um lugar onde os moradores só têm o secundário. E a gente achava que não, que tinha que ousar mesmo e acho que essa é uma das coisas mais interessantes. Acho isso fascinante e era na verdade um caldeirão, sentavam-se lado a lado pessoas que não tinham nem o primário, nem sabiam escrever direito. Era tudo com muita liberdade até porque não éramos financiados por prefeituras. Esse exercício foi uma coisa boa.

Adverso | *E essa universidade anda agora com as próprias pernas?*

Ângela Ganem | Eu não sei. Foi muito delicada esta história, porque a escola teve essas características, esses resultados e ainda tem. A escola é uma coisa maluca. Ela tem tudo, indicadores, cursos de alegorias, ela vai absorvendo assim como se fosse um polvo, as coisas, as demandas, e elas vão crescendo e a gente não tem muito controle. Criamos, por exemplo, um núcleo de gênero. Dentro da escola, surgiu a campanha pela universidade pública da qual nós colocamos toda a nossa energia para que acontecesse.

Adverso | *Como surgiu a ideia de consórcio?*

Ângela Ganem | Quando nós entramos na campanha, a gente tinha um modelo de universidade na cabeça, porque

primeiro, já estávamos na Baixada e a gente fazia um trabalho com professores de todos os departamentos das humanidades no Rio de Janeiro, então a ideia do consórcio era para nós muito importante. A universidade da Baixada seria formada por várias universidades do Estado, federais ou estaduais, públicas, que dariam seus cursos, e os departamentos funcionariam de uma certa forma conjunta. Então a gente lutou pela ideia. Também queríamos que a universidade rompesse com os processos clássicos de interiorização onde era o prefeito que pagava, geralmente os professores complementavam os seus salários e davam aulas noturnas e nós não queríamos isso. Não que a gente não concorde com cursos noturnos, mas tínhamos claro que uma universidade num lugar como esse, algo que vai produzir conhecimento nesse nível, capaz de contribuir com o desenvolvimento econômico-social da Baixada, não podia ser com cursos noturnos. O curso diurno faria um movimento com a pesquisa. A ideia era criar uma universidade com ensino, pesquisa e extensão, um consórcio. Começar com um Centro de Humanidades porque a gente sabia que já tinha lá um centro tecnológico, mas um centro de humanidades seria o catalizador da possibilidade de marcar claramente o que as pessoas queriam de uma universidade, um centro mais fácil de você lidar já que o objeto é a sociedade, a universidade. Foi formado um consórcio com as universidades e o Lindberg Farias (atual prefeito de Nova Iguaçu) colocou R\$ 900 mil em uma emenda parlamentar e deu o pontapé inicial, no Fórum pela Universidade Pública. Ele lutou por isso e obviamente o governo Lula tinha interesse, não somos ingênuos, de colocar um petista na Baixada. Isso também mostrou uma confluência de interesses. A emenda saiu. O consórcio foi assinado por todas universidades, nós conseguimos isso. Mas quem foi para lá? Primeiro que eram seis meses para fazer aquilo tudo porque a ideia era realizar o vestibular em julho de 2004. Nós conseguimos mas quase enlouquecemos para aprovar um curso de Economia em seis meses com todos os trâmites. E o consórcio foi feito com três universidades. Então fizemos um vestibular diurno, teve uma relação de candidatos altíssima, o que comprovava que tinha público, jovens na faixa etária entre 18 e 20 anos, a maioria de classe média

baixa. Aí o MEC entrou na história, porque a emenda Lindberg ia terminar. O MEC criou um grupo de trabalho pela criação Universidade Pública da Baixada, com participantes da comunidade. Quem liderou a campanha foram vereadores em Nova Iguaçu, e nós, como Escola de Governo, sempre fomos parceiros. Éramos chamados para tudo, fazendo dobradinha com o grupo, que, depois do vestibular, nos solicitou a formação de um Centro de Humanidades, conforme já queríamos. Eu trabalhei nisso, numa matriz interdisciplinar. Mas para tanto era preciso mexer no currículo, fazer um ciclo básico comum a todas as áreas. E a gente ficou sonhando. Formatamos um ciclo básico, que tinha antropologia, filosofia, sociologia, ciência política, direito e outras. Depois, as áreas se profissionalizavam. Nesse momento já havia uma discussão no MEC, que estava se encaminhando para uma outra solução, que não era a que a gente queria, quer dizer, a solução do pólo.

O MEC está implantando um projeto de interiorização grande, que cria pólos em vários lugares do País, e queria criar dois no Rio de Janeiro. Um em Volta Redonda, onde a UFF já estava, e o da Baixada foi criado em consequência do nosso movimento. Só que, ao invés de montar o consórcio, ao final de seis meses veio o resultado: a Baixada ficou com a Universidade Rural e Volta Redonda com a UFF. O Mec ofereceu 120 vagas para que a Universidade Rural criasse o que é hoje o pólo da Baixada. Nós, professores de Economia da UFF, ficamos sabendo pelos jornais que não tínhamos ganho vagas, nenhuma vaga, nada. O Centro de Tecnologia, um centro de formação na área do ensino médio, que tinha alguns cursos universitários, resolveu implementar o pólo, o que para nós era ótimo, porque ele poderia ser o embrião do Centro de Tecnologia e nós ficaríamos com o Centro de Humanidades, num consórcio de várias universidades. Mas não era consórcio, era pólo. Foi a Universidade Rural que ganhou os recursos e nós não tivemos nada. Diziam que poderíamos ir para a Universidade Rural. Isso foi um des-



"Dentro da escola, surgiu a campanha pela universidade pública na qual nós colocamos toda a nossa energia para que acontecesse"

respeito enorme. O governo alegou que foi uma decisão dos reitores do Rio de Janeiro em dividir o seu poder. Já os reitores afirmaram que isso foi decisão do MEC. A Economia da UFF, como não teria vagas, não sobreviveria. Então, nós nos mobilizamos, usamos as influências que tínhamos com a direção da escola da nossa Faculdade. Fomos convidados para ir a Brasília. Como houve uma reclamação grande, como a reitoria se sensibilizou por nós e se pressionou muito, vieram as quatro vagas para o curso de economia. Já fizemos o concurso público e, agora, estamos esperando a nomeação destes quatro professores. Como temos, também, as bolsas da Faperj, vamos continuar com pesquisadores em sala de aula. Em suma: a gente tem um núcleo.

Adverso | E onde está funcionando o núcleo, ou a Faculdade de Economia agora?

Ângela Ganem | Nós, por enquan-

to, estamos no Centro de Direitos Humanos da Diocese de Nova Iguaçu, um lugar maravilhoso. Inclusive, a gente não queria sair de lá. O responsável pelo centro é o padre antilhano Pierre Roy. É um centro de resistência que nos abrigou. Existe um projeto de um campus na Universidade Rural, que deve ficar pronto daqui a dois anos e a ideia é que sejamos transferidos para lá. Mas isso está em discussão, porque não queremos ser ensanduichados. O atual reitor nos chamou para montar as comissões para os concursos, mas ele faz parte de um grupo que nós não conhecemos. Pode até ser que evolua para uma coisa ótima, mas eu não sei. Quando a proposta parte da universidade, ela vem de uma forma diferente de um movimento que vem de baixo para cima.

Adverso | E como vocês vão se inserir neste contexto?

Ângela Ganem | A gente vai continuar oferecendo o curso de graduação em Economia. Se eles abrirem um vestibular de Economia na Rural, na graduação, a gente vai fazer um projeto de pós, deixando a graduação com eles e ficamos na extensão. A gente volta por outros caminhos, com mais força. Essa história não tem ainda um ponto final e vamos até o fim.

Adverso | E tem como recuperar o projeto do Centro de Humanidades na Baixada?

Ângela Ganem | O nosso sonho era criar um Centro de Humanidades na Baixada que não existe no Brasil. Podemos até trabalhar em conjunto com a Rural, mas vem agora uma nova demanda, bem diferente do nosso projeto. O nosso projeto passa pela interdisciplinaridade nos currículos. Não é possível se estudar economia sem estudar sociologia, direito, antropologia, e articular tudo isso com a política e com as características locais. Eu vou brigar por isso. A Baixada saiu ganhando com uma universidade pública, com certeza. Mas aquele sonho, talvez nem seja possível num país como esse, onde a corrente da especialização predomina.

TESTE DO PEZINHO

Ufrgs é referência no estado

Através de um convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS), o laboratório de Análises Clínicas da Faculdade de Farmácia da Ufrgs processa amostras colhidas em todo o Rio Grande do Sul. O trabalho dos pesquisadores vai além, com o projeto Rastreamento Neonatal, que encaminha imediatamente o bebê para tratamento quando é detectado algum problema.

Segundo Paulo Saraiva, coordenador do laboratório, o projeto atende 70% dos recém-nascidos do estado. "São 18 mil nascimentos mensais e a demanda é de 12 mil exames por mês", contabiliza. A coleta é feita nos postos de saúde e o material enviado para o laboratório da Faculdade de Farmácia da Ufrgs, onde o exame é processado e o resultado liberado em 24 horas. "Em função desse movimento, a Faculdade cobre a parte técnica, a Casa de Chegada encaminha as solicitações e os resultados, enquanto o tratamento é feito no Hospital Presidente Vargas", explica a coordenadora do Núcleo de Atenção à Triagem Neonatal da Faculdade de Farmácia da Ufrgs, Ana Stela Goldbeck, para quem o laboratório, que atende 960 unidades de atenção básica, é hoje uma referência no estado para a realização do teste.



Os exames são processados no laboratório da Faculdade de Farmácia da Ufrgs e o resultado liberado em 24 horas



Doenças e tratamento

É importante salientar que o Teste do Pezinho detecta doenças congênitas que, se não forem tratadas a tempo, podem levar ao desenvolvimento de quadros graves de retardo mental e até à morte. São três as principais alterações detectadas pelo teste (veja quadro ao lado): a fenilcetonúria¹, o hipotireoidismo² e as hemoglobinopatias, como por exemplo a anemia falciforme³, mais comum nos bebês da raça negra. São detectados, em média, um caso por mês de fenilcetonúria, 4 a 5 de hipotireoidismo e um a cada três meses de anemia falciforme. O tratamento deve ser feito durante toda a vida do paciente, com dieta – no caso da fenilcetonúria – ou com medicamentos, nos casos de hipotireoidismo e anemia falciforme.

Segundo Ana Stela, "o programa de Rastreamento Neonatal funciona

Fotos Clarissa Pont



ANA STELA: falta informações sobre a importância do Teste do Pezinho, pois ainda é grande o número de bebês que não são submetidos ao exame

tância de se fazer o exame o mais rápido possível. "O meu olhar sobre essa questão indica a urgência de se fazer uma campanha forte na grande mídia", conclui.

como uma rede, pois além do diagnóstico, realiza a busca ativa e o acompanhamento médico". Mas ela alerta para a necessidade de informar a população sobre a importância do Teste do Pezinho, uma vez que ainda é grande o número de bebês que não passam pelo exame. "O sangue deve ser coletado nos postos de saúde entre o terceiro e o sétimo dia de nascimento, para que, caso seja constatada a alteração, o tratamento inicie imediatamente. Além disso, o exame e o tratamento são gratuitos, com os medicamentos fornecidos pelo governo do estado", informa.

De acordo com a pediatra Paula Vargas, coordenadora do Serviço de Referência e Triagem Neonatal do Rio Grande do Sul, que atua diretamente no Hospital Presidente Vargas, a média de atendimentos é de 32 casos novos e antigos de fenilcetonúria ao mês, até 50 casos novos e antigos de hipotireoidismo, e de 200 a 300 tratamentos mensais de anemia falciforme.

Mas, apesar de todo o empenho destes profissionais da área da saúde que atuam no projeto, muitos bebês são levados tarde para a coleta. Por isso, a pediatra alerta para a necessidade de divulgação do serviço de triagem neonatal e a impor-

1. Fenilcetonúria: Doença hereditária que se caracteriza pela falta de uma enzima em maiores ou menores proporções, impedindo que o organismo metabolize e elimine o aminoácido fenilalanina, que se acumula no sangue e ataca principalmente o cérebro, causando deficiência mental. Estima-se que um em cada 10 mil recém nascidos é portador de fenilcetonúria.

2. Hipotireoidismo: Doença hereditária causada pela falta de uma enzima, impossibilitando que o organismo forme o T4, hormônio tireoidiano, o que impede o crescimento e desenvolvimento de todo o organismo, inclusive do cérebro, sendo a deficiência mental uma de suas manifestações mais importantes. Estima-se que um em cada 3 mil recém-nascidos é portador de hipotireoidismo congênito.

3. Anemia falciforme: Doença hereditária que se caracteriza pela deformidade dos glóbulos vermelhos (tomam forma de foice), alterando a capacidade destes transportarem o oxigênio aos tecidos do corpo. Os sintomas vão desde inchaços à falência renal. Afeta predominantemente os negros e, se ambos os pais carregam essa característica, a chance de uma criança nascer com anemia falciforme é de 1 em 4, ou seja, 25%.

Fonte: Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (Apae) e www.lincx.com.br

ACONTECE

Música



Até 23 de dezembro e de 2 a 6 de janeiro de 2006 estão abertas as inscrições para o Projeto Prelúdio, que oferece vagas para crianças nascidas entre 1994 e 2001. Os interessados podem se inscrever na Rua Faria Santos, 234, Petrópolis, das 8h30min às 17h. O sorteio será realizado no dia 10 de janeiro e as aulas começam em março. Maiores informações pelo telefone 3333.6611.

Mestrado

Estão abertas as inscrições para a seleção de mestrado 2006/1 em Química. O prazo de entrega da documentação termina no dia 15 de dezembro. Outras informações poderão ser obtidas pelo telefone 3316-6258 ou no site.wwww.iq.ufrgs.br/cpgqui.

Este espaço foi criado para mostrar o cotidiano nos campi da Ufrgs e os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores na universidade. Envie sugestões de temas e questões que envolvam a comunidade universitária

Ingresso Extra-Vestibular

Uma fórmula maléfica

por

Félix González

professor da
Faculdade de
Veterinária e
Chefe do
Departamento de
Patologia Clínica
Veterinária
da Ufrgs



Segundo semestre de 2005, Faculdade de Veterinária. Cerca de 28 alunos do quinto semestre se aglomeram junto à Comissão de Graduação para tentar obter vagas adicionais às 40 que a Universidade oferece em várias disciplinas. Os que não conseguem (a maioria) buscam identificar os culpados: injustiça no sistema de seriação, professores que não querem abrir turmas extras, falta de estrutura, o governo que não investe na universidade pública. Os que podem, entram na Justiça para reivindicar seu direito. Alguns conseguem, outros se resignam. Uma boa parte comparece em bloco na Pró-Reitoria de Graduação, quando os professores se reúnem e fazem esforço desesperado para abrigar a maior quantidade possível de alunos nas salas que ainda mantêm capacidade para receber 35 alunos.

Qual a razão dessa inédita procura de vagas em disciplinas dentro da Universidade? A razão mais plausível remonta a 2003, quando a Ufrgs abriu as portas laterais para permitir os chamados “ingressos extra-vestibulares por transferência voluntária”. Com o argumento de aproveitar “vagas ociosas”, provenientes da evasão, foi idealizada uma fórmula mágica, que lança um número de vagas que cada curso deve abrir para alunos de outras universidades (em geral privadas) através de provas menos exigentes que o vestibular convencional.

No caso específico do curso de Medicina Veterinária, no período de 2003 a 2005, ingressaram por esta via 18 alunos. A este contingente somam-se os “ingressos extra-vestibulares por trans-

ferência interna” (alunos de outros cursos da Ufrgs), cujo número de vagas obedece também a outra fórmula de “aproveitamento de vagas ociosas” e as transferências compulsórias (alunos filhos de servidores públicos ou militares transferidos para Porto Alegre). Nesse mesmo período, os ingressos por estas vias somaram 8, o que gerou um total de 26 alunos adicionais aos 40 que entram semestralmente por vestibular normal.

Notaram a coincidência destas cifras com as do primeiro parágrafo? Não cabe a menor dúvida da causa do problema. De 2003 até hoje, esses alunos atingiram o quinto semestre, quando o problema se agravou. Agora vejam: se a idéia, em si louvável, de aproveitar vagas ociosas na Universidade estivesse certa, considerando que o curso em questão tem 40 vagas/semestre e 11 semestres letivos, deveria ter, na sua máxima capacidade, 440 alunos. Hoje a Faculdade de Veterinária tem 492 alunos. Então, a pergunta óbvia é: onde estão as vagas ociosas? Ou a fórmula mágica está errada ou há matrículas não registradas. Ou será que consideram repetência como abandono? O fato é que a situação está criada e tem gerado enfrentamento entre docentes e alunos, entre juízes e a Universidade, entre Comgrad e professores.

Colocamos hoje este problema que pode chegar a ser uma “bola de neve” e que num futuro próximo pode confrontar a sociedade e a universidade. Não estaria na hora de rever essa fórmula mágica para deixar de ser maléfica?



UMA JANELA PARA A HISTÓRIA

Ponto de encontro de estudantes e professores, o Bar da Filosofia, conhecido nos anos 60 e 70 como "Bar da Filô", se tornou uma marca na vida acadêmica no Campus Central da Ufrgs. Por mais de três décadas, o local foi cenário de muitos momentos históricos, recebeu outros nomes – Bar do Daiu, Bar do Antônio e Antônio Lanches – e se expandiu para o Campus do Vale, mas ainda conta com seu personagem principal: Antônio Pereira dos Santos, ou simplesmente, o Antônio.

Texto de Nara Branco,
Fotos de Clarissa Pont

Este português de Aveiro, que chegou ao Brasil com os pais aos cinco anos de idade, cresceu sem a possibilidade de estudar. Com apenas o primeiro grau, Antônio teve a oportunidade de adquirir o estabelecimento em 27 de agosto de 1967. Nesta época, a Faculdade de Filosofia englobava todos os cursos da área de ciências humanas e o bar funcionava também como centro acadêmico, núcleo de discussões e debates dos estudantes em pleno regime militar. Essa fração da história é retratada em um painel afixado em uma das paredes, que parece um mosaico de fotos amareladas pelo tempo.

Antônio considera esta convivência com os estudantes um grande aprendizado. "Sempre trabalhei e convivi com pessoas da área de humanas, pessoas politizadas e muito polêmicas, o que me ajudou a entender muita coisa como por exemplo aquele momento político", comenta. Mas, manter o bar funcionando durante todos esses 38 anos, não foi uma tarefa fácil.



Antônio conta que sofreu assaltos, roubos e até um incêndio criminoso em 1992, o que provocou o fechamento do bar, que só foi reinaugurado em 1993.

Além disso, o bar ficou muito visado pelos policiais do antigo Dops, por ser um dos principais palcos das manifestações estudantis contra a Ditadura Militar. Sobre esse período, Antônio tem muitas histórias para contar. "Quando comecei, eu não entendia nada de política e certa vez houve uma manifestação do lado de fora. Aqui dentro só permaneceu um estudante muito estranho, que fazia de conta que lia um livro, mas observava tudo. De repente, ele jogou um rojão pela janela e só me fez um sinal para que eu ficasse calado. Era um policial do Dops que se passava por estudante e estava aqui para dispersar o ato de protesto", lembra.

Um outro episódio, que marcou a vida de Antônio, ele relata entre risos. "Os estudantes estavam fazendo uma mobilização pelos excedentes, alunos que passavam no vestibular, mas não conseguiam vagas para ingressar na universidade. Um deles, que liderava o movimento, ficou dentro do bar e os policiais da repressão não podiam entrar. Fui barrado por um policial quando tentava servir um lanche para um dos estudantes que estava do lado de fora. Falei que era apenas um comerciante e estava fazendo o meu trabalho. Resultado: fui chamado para depor. Depois de muito interrogatório e sempre com as mesmas perguntas eu não me contive e disse: o português que todo mundo diz que é burro, sou eu, mas quem está fazendo a mesma pergunta há três horas são vocês. Então, quem é o burro aqui?"

Democracia

Antônio sempre exerceu a democracia em seu estabelecimento. Os alunos secundaristas do Colégio de Aplicação também se reuniam ali para se aproximarem dos estudantes universitários. A direção da escola proibia os alunos de frequentarem o bar, mas Antônio sempre fechou os olhos e até ajudava a gurizada a sair sem ser vista quando alguém da supervisão do colégio aparecia. "Era muito engraçado, porque na época, o bar tinha duas portas, uma na frente e outra nos fundos. Quando a supervisora chegava, os guris eram avisados e saíam pelos fundos", recorda.

A democracia e liberdade do Bar do Antônio perduram até hoje. "Se há alunos sentados, dentro do bar, conversando sem consumir, eu não peço para darem lugar aos que vão lanchar. Eles é que têm que negociar. Afinal, uma lanchonete de universidade, onde circulam de 1 mil a 1.500 mil pessoas por dia, é o maior ponto de encontro dos estudantes", justifica.

Grife

O Bar da Filô, hoje Antônio Lanches, virou moda na universidade. São três bares em funcionamento: um no Campus Central e dois no Campus do Vale, com 40 funcionários. O nível de qualidade é a maior preocupação do comerciante que faz questão de "pegar junto" com os funcionários – alguns com mais de 20 anos de casa –, trabalhando uma média de 15 horas por dia, de segunda a sexta, e mais 8 aos sábados. "O segredo é que eu tive a felicidade de cair em um bar de universidade, onde desenvolvi a capacidade de comunicação e faço o que gosto", explica.

E o que dá certo geralmente é copiado. Tanto que, pelo menos o nome Antônio, foi adotado por outros bares da Ufrgs. "Acho que já virei grife", supõe o comerciante. Mas o nome original, "Bar da Filô", continua presente em uma placa na entrada do bar do Campus Central. Antônio conta que tantos nomes geraram uma confusão, a ponto de algumas pessoas chamarem de "Bar da Filô" e acharem que "Filô" é a esposa de Antônio, Laura, que trabalha com ele.

Visão

A partir do bar, onde Antônio tem testemunhado muitos fatos, ele observa e avalia as mudanças que ocorreram em todos esses anos. "A reforma da educação e a Ditadura fizeram o estudante perder a força. Antes a recepção dos calouros era uma apresentação para a sociedade e uma forma de protesto. Hoje tudo não passa de trotes bobos, infantis. Não se formam mais líderes, nem contestadores", acredita. Esse conhecimento adquirido fora das salas de aula atraiu uma professora de Pelotas, que veio a Porto Alegre entrevistar Antônio para escrever uma tese sobre "A juventude dos anos 60, 70 e 80 e os jovens de hoje".

Conversas de bar

Cinco ex-alunos e atualmente professores da Ufrgs, que continuam frequentando o Bar do Antônio, fazem de uma conversa de bar um verdadeiro relato histórico dos momentos alegres, engraçados, tristes e, muitas vezes, trágicos, passados neste local, que por muitos anos foi considerado o "coração" da universidade. O Bar do Antônio era onde tudo acontecia, onde pulsava a energia dos estudantes que queriam mudar o mundo, onde brotavam grandes idéias e articulações, e se formavam lideranças, muitas atuantes até hoje.



Ponto de Encontro

"A gente estava na sala de aula e, de repente, o centro acadêmico Franklin Delano Roosevelt, que funcionava dentro do Bar, punha no toca-disco o 'Funeral do Lavrador' (Chico Buarque). Esse era o sinal que chamava para as reuniões. Eu, como estudante de História, vivi 68 dentro da universidade, e posso dizer que o Bar do Antônio era um lugar emblemático, ponto de encontro para toda e qualquer discussão política, para concentração antes das manifestações e até para festinhas e reuniões-danças. Na época, o Antônio inaugurou uma portinha estilo porta de *saloon*. Por ali entrava muita gente, inclusive os chamados "ratos", policiais da repressão, que eram plenamente reconhecíveis, mas que sentavam nas cadeiras e ficavam lendo jornal, fingindo que eram da turma. Lembro-me de uma vez, que um deles, de tão preocupado em escutar a conversa política do lado, segurava o jornal de cabeça para baixo, uma cena no melhor estilo de um filme humorístico".

Sandra Jatahy Pesavento, Professora Titular de História do Brasil do Departamento de Pós-Graduação em História e Pós-graduação em Urbanismo/Ufrgs

A volta

"Uma coisa muito importante que aconteceu aqui foi no verão de 79, quando eu e o Carlos Schmidt estávamos na diretoria da Adufrgs. A gente fez aqui a primeira reunião com os professores que tinham sido expurgados e estavam retornando. Foi muito emocionante porque vários professores que haviam sido postos para a rua em 64 e 69, nunca mais tinham vindo à universidade. E aí, em pleno fevereiro, tudo vazio, nós fizemos uma reunião com vários como o Demétrio Ribeiro, o Carlos Faet, o Nelson de Souza, o Luiz Carlos Pinheiro Machado e o Leônidas Xausa. Foi um momento muito simbólico porque o primeiro local onde eles vieram na volta à universidade foi exatamente aqui, o Bar do Antônio".

Aron Taitelbaum, professor do Instituto de Matemática da Ufrgs



Pudor

"Quando eu cheguei aqui, em 69, estudava na Engenharia e existiam vários grupos de esquerda estruturados e semi-clandestinos. Nesta época, fui convidado para participar de uma reunião, aqui no bar, de um grupo que se chamava Tendência pela Aliança Operária Estudantil. Naturalmente era uma tentativa de cooptação daqueles jovens que chegavam do interior e ainda não tinham se agregado a este ou aquele movimento. Nesta reunião, em que participaram rapazes e moças, de repente falaram palavrões. Eu ruborizei, porque minha mãe sempre dizia que certas palavras não se falava na frente das moças. Depois eu me tornei contumaz utilizador destas expressões".

Carlos Schmidt, professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Ufrgs



Diversidade

"É importante pensar que foi a partir de 68 que aconteceram as grandes mobilizações e conseqüentemente a repressão. Então, quem entrou no início dos anos 70 vivia uma realidade onde as lideranças estudantis ou estavam no exílio, ou presas, ou muito recolhidas. Os diretórios acadêmicos haviam sido fechados, a União Nacional dos Estudantes (UNE) também. A Anistia era a grande bandeira do Movimento Estudantil, que havia se voltado muito para as suas reivindicações específicas, mas para fora da universidade também, para o Movimento Operário. Nessa época, o Bar do Antônio era ponto de encontro de alunos de vários cursos e tinha essa característica de diversidade de convivência. Aqui se namorava, se estudava, se discutia política..."

E as fotos?

"Entrei na universidade em 76 e já conheci isso aqui como Daiu (Diretório Acadêmico da Ufrgs). As primeiras manifestações estudantis que eu assisti foram aqui. Tudo saía daqui. Era o lugar da articulação. Mas tem um detalhe importante: não existem fotos de estudantes no Daiu de 76, 77 e 78. Eu desafio quem tenha essas fotos. A gente tinha uma paranóia com fotografia, porque só quem tirava foto era 'rato'".

João Rovati, professor da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs

Lilliane Seide Froemming, professora do Instituto de Psicologia da Ufrgs

ANÁLISE

O Império não é tão feio assim?

Autores de "Império", um livro que acabou se tornando um *best-seller* entre muitos ativistas que militam no Fórum Social Mundial, Antonio Negri e Michael Hardt renovaram a parceria em uma segunda obra, "Multidão", que pretende dar prosseguimento a algumas das teses apresentadas no primeiro trabalho.

por Marco Aurélio Weissheimer

A mais polêmica delas é aquela que prevê o fim do Império Americano. Além disso, Negri e Hardt defendem que é preciso esquecer "conceitos ultrapassados" como classe trabalhadora e proletariado, que já não dariam conta das complexidades do mundo atual, envolvendo questões sociais étnicas e de gênero, entre outras. Os dois autores são otimistas quando falam da crise do Império. Para eles, os insucessos dos Estados Unidos na guerra do Iraque confirmam que a única maneira de os países ricos assegurarem a ordem global é através de uma ampla colaboração entre as potências dominantes, que constituiriam assim uma nova forma de Império.

Os autores não enxergam essa mudança como uma solução para o conjunto de problemas globais que acompanha esse processo. Negri e Hardt acreditam que a "paz" resultante de uma colaboração entre as potências dominantes serve, na verdade, para manter globalmente um estado de violência que vem se aprofundando cada vez mais e ameaçando a própria idéia de democracia. Mas eles não são porta-vozes de uma visão pessimista sobre esse quadro. Ambos acreditam que ao interligar de maneira cada vez mais profunda um número cada vez maior de aspectos da vida, o Império estaria, na realidade, criando as condições de possibilidade para um novo tipo de democracia.

Negri e Hardt defendem que, através da construção de uma comunidade globalmente interligada em redes, diferentes grupos e indivíduos podem associar-se em "fluidas matrizes de resistência", deixando de constituir massas silenciosas e oprimidas para "formar uma multidão com o poder de forjar uma alternativa democrática à atual ordem mundial". O poder norte-americano, segundo eles, ao contrário do clássico poder imperial, marcado pelo centralismo e pelo verticalismo, se daria em forma de redes com a ambição de tornar-se um regime global sem fronteiras temporais,



em busca de uma expansão contínua e ramificada por todo o planeta.

Essa leitura do Império está longe de ser consensual. Um de seus mais duros críticos é o sociólogo argentino Atilio Borón, do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), que rejeita frontalmente a idéia de um "império sem centro e sem um estado-nação como sede". Segundo Borón, esse centro existe e está localizado em Washington. Ao contrário da constituição de um "império em rede", o que vemos hoje, sustenta, é a formação de um super-estado, dotado de imenso poderio militar, político e econômico e capaz de uma grande capacidade de regulação econômica e social.

O que é preciso levar em conta sobretudo, defende Borón, é que alguns dos velhos elementos do imperialismo continuam aí. Contrariamente ao que defendem certas teorizações tributárias de uma concepção filosófica pós-moderna, sustenta, o imperialismo não desapareceu para ser substituído por um império descentralizado que criaria as condições para a constituição de uma aldeia global dos cidadãos e, portanto, para sua superação. Trata-se exatamente do oposto, destaca o sociólogo: o que a atual fase do imperialismo mostraria é um fortalecimento das assimetrias próprias de sua etapa anterior e das regras do jogo que o organizaram desde a segunda metade do século 20. É impossível ignorar, acrescenta, a continuidade fundamental cristalizada nas agências multilaterais e nas normas que regulam o sistema imperialista. Para comprovar essa tese, estão aí o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio. Também estão aí, conclui Borón, a parafernália da indústria cultural do capitalismo que trabalha 24 horas por dia para tentar nos convencer de que o capitalismo é eterno e expressa a "natureza humana".

Até bem pouco tempo, habitantes da Amazônia podiam usar a chuva como relógio, de tão certa e pontual. "Te vejo depois da chuva", diziam as pessoas quando queriam marcar um encontro depois do almoço, por exemplo. Pois dizem, que chovia todos os dias, geralmente no início da tarde, na região que ainda é considerada o pulmão do mundo. Mas nos últimos meses, não foi possível contar com a chuva para agendar compromissos, tampouco para garantir a sobrevivência, pois uma seca sem precedentes na História da Amazônia abateu a região e deixou inúmeras populações isoladas e entregues à própria sorte.

por Maricélia Pinheiro

CLIMA

AQUECIMENTO GLOBAL DEVE MUDAR A FACE DA TERRA

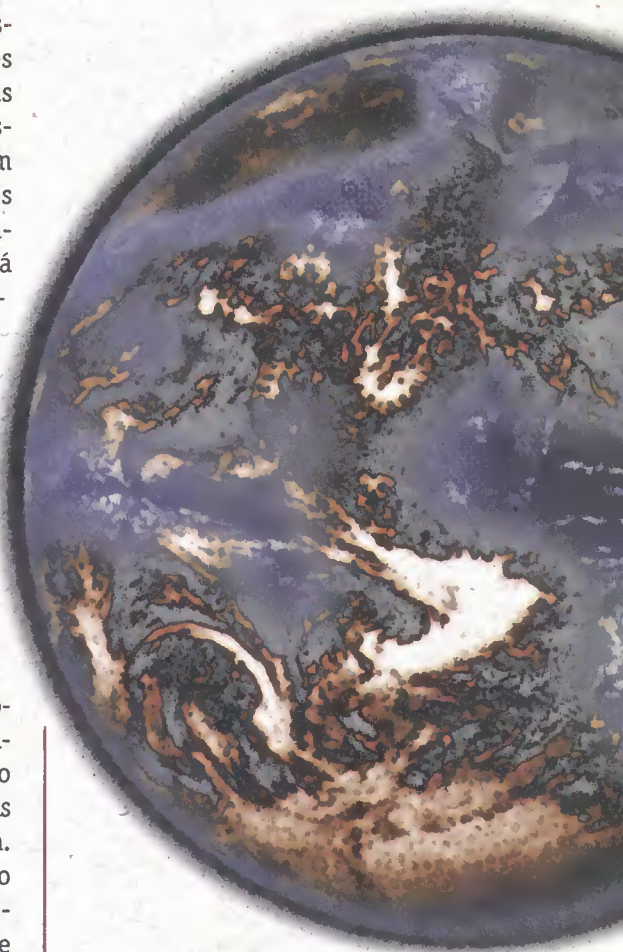
O cenário era desolador. A TV mostrou, repetidas vezes, milhares de peixes mortos em decorrência do aquecimento das águas, solos dos rios rachados pelo sol, pessoas caminhando léguas para conseguir um mínimo de água potável, barcos encalhados e, por fim, helicópteros do governo trazendo cestas básicas para a população que já quase morria de fome. Cenas comuns ao Nordeste brasileiro e quase surreais em se tratando da Amazônia, onde correm, ou corriam, os mais caudalosos rios do mundo.

Mas o que aconteceu com a região quente-úmida brasileira? Apesar de muitos cientistas ainda não admitirem a relação direta deste e de outros fenômenos naturais com o aquecimento exagerado do Planeta, a verdade é que a grande maioria ficou boquiaberta diante da seca na Amazônia e do tamanho da área atingida. Para o geógrafo e climatologista Fernando Pohlmann Livi, professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Ufrgs, o grande vilão é o desmatamento, uma vez que mais de 50% das chuvas têm origem na transpiração da floresta.

Segundo dados oficiais do governo, o desmatamento já atinge quase 30% da região e embora venha sofrendo uma leve desaceleração, ainda é extremamente preocupante. "Sem árvores, diminui a umidade, alterando o mecanismo natural de reciclagem da água, o que resulta na falta de chuva", explica Fernando Livi. A ausência da vegetação também é responsável pelo aumento do chamado aquecimento global. "As grandes florestas funcionam como refrigeradores do Planeta", observa o professor.

Seca no RS

A seca que causou enormes prejuízos ao estado do Rio Grande do Sul no verão passado pode fazer parte de um ciclo natural, conforme avalia o geógrafo Fernando Livi. Para



ele, não há comprovação de uma relação direta com o aquecimento global, mas sim com um quadro sucessivo de estiagem nos períodos anteriores, que acabou deixando os reservatórios muito abaixo do nível ideal e o solo excessivamente seco. Ele acredita que, mesmo que neste verão chova abaixo do normal, as consequências não serão tão graves, porque as chuvas do inverno de 2005 foram suficientes para enfrentar um período de seca.

Furacões

Embora não haja consenso entre especialistas da área, o aquecimento seria tam-

Cardumes ameaçados

O aquecimento dos oceanos, rios e lagos, associado às mudanças climáticas, se tornou uma ameaça à vida aquática, afirma relatório da Rede WWF, divulgado em novembro. De acordo com o documento, a água mais quente diminui a reprodução e a quantidade de alimento e oxigênio para os peixes, provocando a morte de milhares deles, como aconteceu recentemente na Amazônia. Esse fenômeno, segundo o relatório, intitulado "Estamos lançando os peixes em água quente?", seria uma consequência do aquecimento global, que tem aumentado a temperatura das águas e alterado o regime de chuvas e os padrões de correntes e nível do mar.

O documento lembra que os peixes são fonte de proteína para 2,6 bilhões de pessoas no mundo, e a indústria pesqueira movimenta 130 bilhões de dólares por ano, além de gerar 200 milhões de empregos. "As mudanças no clima vão ameaçar os estoques pesqueiros, que já sofrem com a sobrepesca, a poluição dos ecossistemas aquáticos e a degradação de *habitats*", prevê Antonio Oviedo, técnico do Programa Amazônia da WWF-Brasil.

Um aumento de um ou dois graus centígrados pode causar a morte de cardumes inteiros e ainda provocar a migração dos sobreviventes para águas mais frias. Com isso, espécies que se alimentam de peixes perderiam sua fonte de alimento. Segundo a WWF, no Golfo do Alasca, em 1993, 120 mil aves morreram de fome porque não conseguiram alcançar os peixes. Na Amazônia, aves como o mergulhão precisariam imergir mais fundo para capturar a presa, o que causaria impacto sobre a espécie.

Existe uma previsão otimista, segundo Rualdo Menegat, que dentro de 100 anos o nível do mar estará 50 centímetros mais alto. A pessimista aponta para um metro nesse mesmo período. De qualquer forma, diante dessa alteração, provocada pelo derretimento das geleiras em decorrência do aquecimento, muitas cidades litorâneas desapareceriam. O geólogo afirma que não há mais como evitar essa mudança na face da Terra, mas ainda é possível diminuir o impacto.

O primeiro passo seria conter o desmatamento e a emissão de gases, entre outras ações nocivas. O segundo consistiria começar desde agora a preparar estruturalmente as cidades localizadas à beira-mar que irão precisar de diques, por exemplo, para continuarem existindo. Essa profunda alteração, na opinião do geólogo, apagaria do mapa os Países Baixos (Bélgica e Holanda), Bangladesh e Veneza, na Itália.

Conhecimento geológico

No meio de tantas tragédias naturais, há um aspecto que quase nunca é levado em conta: a falta de conhecimento geológico da população sobre o local que habita. Para Menegat, se essa fosse uma das prioridades no ensino sistematizado, poderia se evitar, por exemplo, que determinadas áreas propensas a inundações, terremotos, maremotos, erupções vulcânicas, fossem habitadas, diminuindo assim a incidência de tragédias. "Não há cultura para entender os desastres naturais e diante deles as pessoas ficam atônitas, entram em pânico, que por sua vez desencadeia uma depressão coletiva. Deprimidas, as populações se tornam mais suscetíveis à exploração do poder econômico", analisa.

Dúvidas

Segundo Menegat, a convicção dos especialistas, no caso específico do "Furacão Catarina", tinha como base a afirmação científica, puramente empírica, de que furacões não acontecem no Atlântico Sul. A ocorrência do evento provou o contrário e pode ser um indício de que os cientistas estariam perdidos em meio a tantas mudanças não previstas e que, num futuro próximo, talvez não seja possível prever se chove ou faz sol amanhã, se o inverno será frio e o verão quente, se as folhas cairão no outono e as flores desabrocharão na primavera.

bém responsável por uma maior incidência de furacões e tufões (o primeiro ocorre no Atlântico e o segundo no Pacífico), que vêm devastando cidades inteiras nos últimos anos. "A discussão sobre eventos climáticos ainda é muito polarizada. Há dois anos não se admitia o aquecimento global como causa das tragédias provocadas por ciclones. Apenas em julho de 2005, mais de um ano depois do "Catarina", a comunidade científica admitiu, ainda assim parcialmente, que o evento foi de fato um furacão", diz Rualdo Menegat, geólogo, professor da Ufrgs e autor do Mapa de Porto Alegre.

Os furacões, tempestades tropicais ciclônicas, se formam a partir do aquecimento dos oceanos, que estariam, segundo Menegat, pelo menos dois graus centígrados mais quentes, o que representa muito no universo das águas. "O aquecimento aumenta a evaporação que, associada à baixa pressão, forma movimentos circulares que se deslocam até o continente", explica o geólogo. Segundo ele, os furacões que acometeram recentemente os Estados Unidos e países do Caribe, se formaram na costa da África e atravessaram todo o Atlântico Norte.

Interferência humana

Fala-se muito da relação entre o aquecimento exagerado do Planeta com a interferência nociva do homem no meio ambiente. Mas afinal, somos os únicos responsáveis por tais tragédias da natureza ou estas estariam "previstas" na história da Terra? É certo que a emissão excessiva de determinados gases como o Dióxido de Carbono, o Metano, o Óxido de Azoto e os CFCs, aquece a atmosfera mais do que o necessário, o que potencializa o efeito estufa – que em princípio é o que garante a vida na Terra –, e aumenta o calor. Mas há quem defenda que todas essas alterações climáticas poderiam fazer parte da própria evolução do Planeta, uma vez que o conhecimento do homem sobre esse tema ainda é muito pequeno.



**ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS
DOCENTES DA UFRGS**
CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64

BALANCETES – VALORES MENSAIS - 2005

RUBRICAS / MESES	AGO
ATIVO	2.888.499,45
FINANCEIRO	2.604.464,16
DISPONÍVEL	623.099,83
CAIXA	339,87
BANCOS	113,26
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA	622.646,70
REALIZÁVEL	1.981.364,33
APLICAÇÕES FINANCEIRAS CURTO PRAZO	1.949.897,16
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	1.949.897,16
ADIANTAMENTOS	5.541,36
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	5.541,36
OUTROS CRÉDITOS	25.000,00
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO	25.000,00
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTE	925,81
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER	925,81
ATIVO PERMANENTE	284.035,29
IMOBILIZADO	281.045,60
BENS MÓVEIS	144.831,59
BENS IMÓVEIS	248.811,89
BENS E DIREITOS EM FORMAÇÃO	16.425,74
(-)DEPRECIACÕES ACUMULADAS	(129.023,62)
DIFERIDO	2.989,69
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS	(9.081,79)

PASSIVO	2.560.569,72
PASSIVO FINANCEIRO	35.668,37
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	8.782,43
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	6.515,00
OBRIGAÇÕES COM O PESSOAL	0,00
OBRIGAÇÕES DIVERSAS	0,00
CREDORES DIVERSOS	2.267,43
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	26.885,94
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	26.885,94
SALDO PATRIMONIAL	2.524.901,35
ATIVO LÍQUIDO REAL	2.238.670,65
SUPERAVIT ACUMULADO	286.230,59

ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS

FOLHA 2

RUBRICAS / MESES	AGO	ACUMULADO
RECEITAS	156.882,47	1.213.150,06
RECEITAS CORRENTES	116.045,09	896.223,67
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	116.045,09	896.223,67
RECEITAS PATRIMONIAIS	37.253,62	249.874,80
RECEITAS FINANCEIRAS	36.998,41	247.169,02
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	255,21	2.705,78
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICAIS	1.052,00	56.410,21
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	1.052,00	56.410,21
OUTRAS RECEITAS	2.531,76	10.641,38
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	2.531,76	10.586,18
OUTRAS RECEITAS	0,00	55,20
DESPESAS	122.526,97	885.220,33
DESPESAS CORRENTES	122.526,97	885.121,33
DESPESAS COM CUSTEIO	32.487,82	269.330,07
DESPESAS COM PESSOAL	19.295,39	143.041,04
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	4.249,60	27.057,41
DESPESAS DE EXPEDIENTE	2.144,91	37.535,23
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	612,70	9.136,92
SERVIÇOS DE TERCEIROS	2.315,00	19.996,00
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	343,33	4.180,67
DEPRECIACÕES E AMORTIZAÇÕES	1.911,56	14.825,11
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	1.583,53	13.312,27
ENCARGOS FINANCEIROS	31,80	245,42
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICAIS	51.030,41	363.141,45
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	1.887,62	13.294,38
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	0,00	7.344,50
DESPESAS COM VIAGENS	18.900,29	86.030,51
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS	950,00	15.041,02
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	1.377,86	44.857,97
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	17.254,64	143.556,71
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	520,00	16.116,36
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICAIS	10.140,00	36.900,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	39.008,74	252.649,81
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	24.813,86	191.729,28
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	5.514,48	49.646,21
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	8.680,40	11.274,32
RESULTADO NÃO OPERACIONAL	0,00	99,00
PERDAS COM FURTOS E ROUBOS	0,00	99,00
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	34.355,50	327.929,73
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	327.929,73	327.929,73

EDUARDO ROLIM DE OLIVEIRA
Presidente

NINO H. FERREIRA DA SILVA
Contador - CRC-RS 14.418



**ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS
DOCENTES DA UFRGS**
CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64

BALANCETES – VALORES MENSAIS - 2005

RUBRICAS / MESES	SET
ATIVO	2.918.166,97
FINANCEIRO	2.635.564,24
DISPONÍVEL	631.816,22
CAIXA	207,64
BANCOS	17,26
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA	631.591,32
REALIZÁVEL	2.003.748,02
APLICAÇÕES FINANCEIRAS CURTO PRAZO	1.977.383,73
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	1.977.383,73
ADIANTAMENTOS	5.541,36
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	5.541,36
OUTROS CRÉDITOS	20.000,00
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO	20.000,00
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTE	822,93
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER	822,93
ATIVO PERMANENTE	282.602,73
IMOBILIZADO	279.767,58
BENS MÓVEIS	145.310,59
BENS IMÓVEIS	248.811,89
BENS E DIREITOS EM FORMAÇÃO	16.425,74
(-)DEPRECIACÕES ACUMULADAS	(130.780,64)
DIFERIDO	2.835,15
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS	(9.236,33)

PASSIVO	2.562.928,21
PASSIVO FINANCEIRO	38.026,86
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	8.592,71
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	6.244,66
OBRIGAÇÕES COM O PESSOAL	0,00
OBRIGAÇÕES DIVERSAS	0,00
CREDORES DIVERSOS	2.348,05
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	29.434,15
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	29.434,15
SALDO PATRIMONIAL	2.524.901,35
ATIVO LÍQUIDO REAL	2.238.670,65
SUPERAVIT ACUMULADO	286.230,59

ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS

FOLHA 2

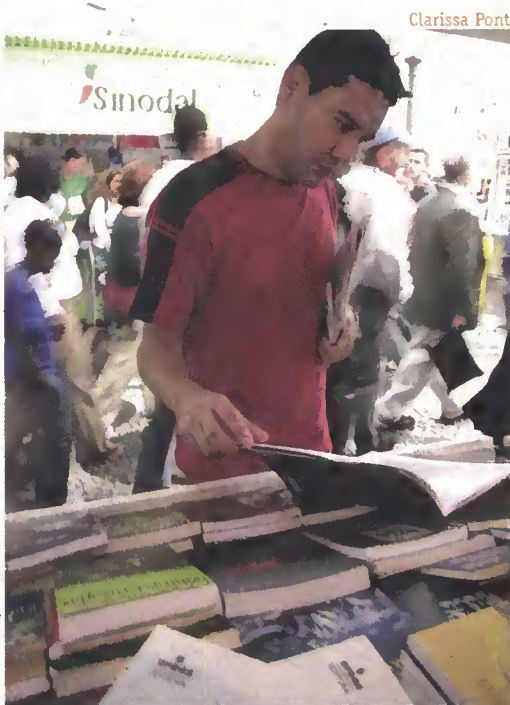
RUBRICAS / MESES	SET	ACUMULADO
RECEITAS	152.311,36	1.365.461,42
RECEITAS CORRENTES	116.001,17	1.012.224,84
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	116.001,17	1.012.224,84
RECEITAS PATRIMONIAIS	35.311,21	285.186,01
RECEITAS FINANCEIRAS	35.132,18	282.301,20
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	179,03	2.884,81
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICAIS	266,98	56.677,19
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	266,98	56.677,19
OUTRAS RECEITAS	732,00	11.373,38
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	732,00	11.318,18
OUTRAS RECEITAS	0,00	55,20
DESPESAS	125.002,33	1.010.222,66
DESPESAS CORRENTES	125.002,33	1.010.123,66
DESPESAS COM CUSTEIO	32.174,88	301.504,95
DESPESAS COM PESSOAL	19.129,58	162.170,62
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	5.231,03	32.288,44
DESPESAS DE EXPEDIENTE	808,80	38.344,03
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	664,76	9.801,68
SERVIÇOS DE TERCEIROS	2.315,00	22.311,00
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	44,44	4.225,11
DEPRECIACÕES E AMORTIZAÇÕES	1.911,56	16.736,67
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	1.898,11	15.210,38
ENCARGOS FINANCEIROS	171,60	417,02
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICAIS	52.876,14	416.017,59
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	1.887,62	15.182,00
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	8.813,60	16.158,10
DESPESAS COM VIAGENS	6.470,10	92.500,61
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS	2.450,00	17.491,02
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	2.391,56	47.249,53
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	27.483,26	171.039,97
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00	16.116,36
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICAIS	3.380,00	40.280,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	39.951,31	292.601,12
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	24.803,23	216.532,51
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	5.514,48	55.160,69
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	9.633,60	20.907,92
RESULTADO NÃO OPERACIONAL	0,00	99,00
PERDAS COM FURTOS E ROUBOS	0,00	99,00
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	27.309,03	355.238,76
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	355.238,76	355.238,76

EDUARDO ROLIM DE OLIVEIRA
Presidente

NINO H. FERREIRA DA SILVA
Contador - CRC-RS 14.418

FEIRA DO LIVRO

Sucesso de público e vendas



Clarissa Pont

Um aumento de 7% no total geral de livros vendidos e "praça cheia" todos os dias confirmaram a previsão dos organizadores da 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, realizada de 28 de outubro a 15 de novembro de 2005. O calor intenso do período, quase sempre seguido de temporais, não afastou visitantes, que movimentaram ainda mais a Praça da Alfândega.

De acordo com o presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL), Waldir Silveira, os resultados deste ano em termos de público – o que ele define como “praça sempre cheia” –, e uma diversidade de atividades, comprovam o sucesso desta edição. Segundo pesquisa de venda realizada com os 149 expositores, o total de livros vendidos foi de 530.978, 7% a mais do que o volume de vendas do ano passado (494.639). Na área geral foram vendidos 387.833 livros, o que representa 5% a menos que os contabilizados em 2004. Em compensação, na área infantil e juvenil, as vendas superaram as expectativas, com um total de 129.350 livros vendidos, contra 70.495 do ano passado, o que significa um acréscimo de 83%.

Na área internacional, segundo Silveira, houve uma redução de 7% (13.795 este ano e 14.830 em 2004). Entre os mais vendidos estão “O Código da Vinci”, de Dan Brown; “Adolescentes, quem ama educa”, de Içami

Tiba e da área infantil-juvenil, “A princesa Assustadora”, de E.S. Mooney.

Avaliação

Para o patrono da 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, Frei Rovílio Costa, professor aposentado da Faculdade de Educação da Ufrgs, a feira já está consolidada como um evento de projeção nacional e mundial. “Ela se distingue por ser uma feira cultural, que tem como festejado o livro, seja na sua forma material ou virtual, a base universal da cultura. Neste sentido, tende a ser sempre mais completa por abranger a expressão e a cultura em todos os seus segmentos, com palestras, expressões artístico-culturais e étnico-culturais, uma homenagem ao Rio Grande do Sul, voltando-se para o Brasil. Por isso torna-se cada vez mais voltada para o Brasil e para o mundo”, avalia. Nesta edição, o estado brasileiro homenageado foi o Ceará e o país, a Itália.

A experiência de ser patrono

“Essa foi a maior e melhor feira de todas pela vivência. A próxima será ainda melhor, pois cada um aproveita as experiências anteriores, aperfeiçoando-se. Na minha opinião, dentro do espaço disponível, a feira foi estruturada de maneira racional, dando personalidade a dois segmentos importantes: o infantil, que representa o futuro do livro e da leitura e o adulto, uma experiência de como foi o infantil.”

Antigo frequentador

“Comecei comprando na feira do livro, depois vendia para comprar outros e montei uma biblioteca com mais de 40 mil volumes que hoje estão na Biblioteca da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, no bairro Santo Antônio, em Porto Alegre. Na minha visão, a Feira do livro aponta caminhos para novas publicações e proporciona ao leitor um contato livre com o mundo. Como patrono, passei a ver a feira como uma oportunidade de intercâmbio cultural, troca de formas de pensamento pela sua diversidade temática. Acho que a Feira do Livro de Porto Alegre é hoje o evento mais prolongado que desenvolve a consciência de uma identidade gaúcho-brasileira, voltada para o mundo. É também o encontro de intelectuais, escritores, velhos e novos amigos que fazem da capital e do estado uma aldeia de convivência e relações fraternas”.

Paulo Dias / Correio Rio Grandense



HIPERLINK

Comerciais anos 50
[sampa3.prodam.sp.gov.br/
 ccsp/tvano50/video.htm](http://sampa3.prodam.sp.gov.br/ccsp/tvano50/video.htm)

Comerciais



Nesse site o internauta tem a oportunidade de recordar ou conhecer comerciais antigos veiculados pela televisão brasileira, além de acessar informações sobre os programas exibidos por várias estações brasileiras de tv ao longo de cinco décadas. A página é disponibilizada pelo Centro Cultural São Paulo, da Prefeitura de São Paulo, com texto e pesquisa de Maria Elisa Vercesi de Albuquerque.

Cultura
www.socultura.com



Traz dicas mensais de literatura na Internet. Com links para sites culturais, além da literatura, o Só Cultura aborda os mais diversos assuntos desde Arte, História, dicas de livros e artigos na área. No Só Cultura, o internauta tem ainda a oportunidade de divulgar seu próprio site cultural.

PREVISÃO DO TEMPO

Será que vai chover?

Climatempo
 INGRESSOS A PARTIR DE
 Concurso de marcas com animação
 COMO SERÁ O CLIMA NA SAFRA 2005/2006?
 NÃO TENHA SURPRESAS!

Previsão do tempo
 Selecione o estado
 Região Norte
 Região Nordeste
 Região Centro-Oeste
 Região Sudeste
 Região Sul
 Previsão Internacional
 Selecione o país
 Navegue por
 Previsão de ondas
 Últimas notícias
 Destaques
 Tempo Real
 Climatempo e Você
 Clique Climatempo
 Voz de olho no Tempo
 Clique o Tempo
 Fale conosco
 Imagens
 Imagens dos Estados
 Valoramos
 Exiba uma imagem
 Imagem do dia
 Satélites Brasil
 Satélites Mundo
 Brasil visto do espaço
 Terra em Tempo Real
 Web's Internacionais
 Notícias

Previsão de tempo
 17h47 - Chuvã isolada em Teubaná - SP
 17h45 - A chuva ainda cai forte em Teubaná - SP
 17h37 - Calor e pressão atmosférica caindo no Rio Paraná e Santa Catarina, no entanto a chuva já deve ser menos intensa. Já no Rio Grande do Sul é chegada de uma nova massa de ar seco, o que empurra para o sul a frente fria que já chegou no Rio Grande do Sul.

TURISMO
 Conheça o clima do Brasil
 Pontos Turísticos
 Um dia pelo Mundo
 AEROPORTOS [24 Nov 17:45]
 Congonhas - SP 28°C
 Galeão - RJ 24°C
 Salvador - BA 27°C
 São Paulo - SP 22°C

"A melhor previsão do tempo para o Brasil". É o que garante esse site especializado em meteorologia.

www.climatempo.com.br

Navegando pelo Climatempo, o internauta tem acesso a inúmeras informações e curiosidades sobre o clima no país e no mundo. Links variados levam a informações sobre efeitos de fenômenos climáticos, vídeos com a previsão do tempo, previsão de ondas no litoral, visibilidade nos aeroportos, alertas climáticos, imagens de satélite, horários do nascer e do pôr-do-sol nos estados e cidades do Brasil, fuso horário, qualidade do ar, qualidade das praias, marés e muitos outros. Também estão disponíveis imagens em tempo real de cidades dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Bahia e Pernambuco, transmitidas através de webcams, além da Argentina, França, Estados Unidos, África do Sul, Inglaterra, Espanha, Rússia e Japão.

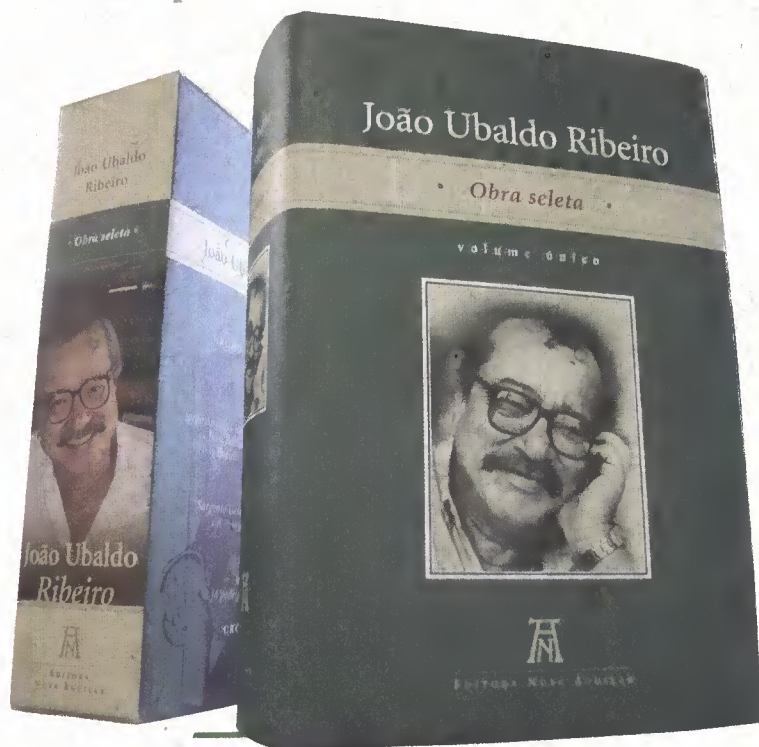
No Climatempo, o internauta pode ser um colaborador da página, enviando notícias sobre o clima em sua região e ainda testar

seus conhecimentos sobre meteorologia. E para quem quer saber o tamanho do buraco de ozônio e o índice de raios ultra-violetas nas regiões e cidades do país, basta acessar as seções do espaço "Saúde". E mais: é possível fazer compras pelo Climatempo. Através do "Climashopping", os mais aficionados por meteorologia podem adquirir, via Internet, produtos que vão desde barômetros, binóculos e telescópios, até bússolas e estações de meteorologia sem fio. O site disponibiliza ainda um arquivo sobre os principais fenômenos meteorológicos ocorridos nos últimos meses no Brasil e no Mundo, que serve como fonte de pesquisa para trabalhos escolares.

Informações oficiais sobre as condições do tempo podem ser obtidas na página eletrônica do Instituto de Meteorologia (Inmet) (www.inmet.gov.br), não tão completo, mas bastante funcional e de fácil navegação.

JOÃO UBALDO RIBEIRO

OBRA SELETA



organização Zilá Bernd

[Editora Nova Aguilar - 1.421 páginas - R\$ 190,00]

O livro reúne romances, contos, crônicas e biografia desse baiano de Itaparica, de 58 anos, membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de mais de 15 livros traduzidos em 16 países, é considerado hoje um dos autores mais importantes e presentes na cultura brasileira. As informações foram organizadas por Zilá Bernd, professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Ufrgs que, na apresentação do livro intitulada "A Escritura Mestiça de João Ubaldo Ribeiro", define o escritor como "infatigável trabalhador intelectual, praticante de quase todos os gêneros, humorista privilegiado, e estrela de primeira grandeza das letras nacionais". Para Zilá, João Ubaldo "incorpora em seus textos jornalísticos e ficcionais a visão mítico-maravilhosa da cultura popular e os grandes arquétipos do pensamento universal e da cultura clássica".

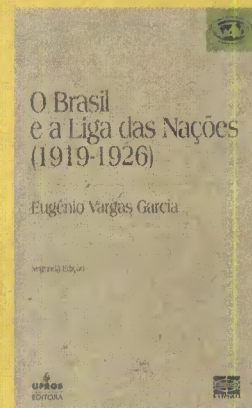
O livro é uma cronologia comentada sobre a vida pessoal e produção literária do autor, com fotos da obra e da vida dele,

bibliografia completa de tudo que já foi escrito sobre João Ubaldo Ribeiro desde o lançamento de seu primeiro romance, "Setembro tem sentido", em 1968. E ainda uma seleção de ensaios críticos sobre suas obras escritos por Domício Proença Filho, Martha Medeiros, Francis Utéza, Rita Gadet e Luiz Fernando Valente.

Entre os romances que fazem parte desta coletânea estão "Sargento Getúlio", "Viva o Povo Brasileiro" – considerado um clássico, com mais de 120 mil exemplares vendidos –, o polêmico "A Casa dos Budas Ditosos", seis contos extraídos do livro "Já podeis da Pátria Filhos" e "A Ciência e a Arte de Roubar Galinhas". Outro livro de João Ubaldo abordado nesta coletânea é "O Diário do Farol", a obra mais recente que tem como cenário a Ditadura Militar, um dos momentos mais marcantes da história do Brasil. "Obra Seleta" contempla uma parte significativa da ficção de João Ubaldo Ribeiro, que teve alguns títulos adaptados para o cinema, a TV e o teatro.

LEIA TAMBÉM

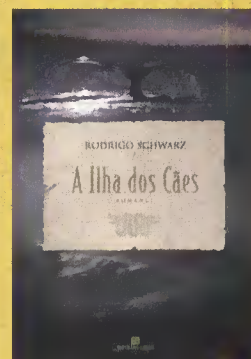
O BRASIL E A LIGA DAS NAÇÕES (1919-1926)



Eugênio Vargas Garcia
Editora Ufrgs
167 páginas
R\$ 20

O papel do Brasil na Liga das Nações é analisado pelo autor como uma tentativa pouco realista de uma nação periférica de participar de um órgão diretivo de uma organização de âmbito mundial. A obra explora a conjuntura internacional pós-primeira Guerra Mundial e mostra como eram as negociações dentro da Liga.

A ILHA DOS CÃES



Rodrigo Schwarz
Editora Bertrand Brasil
128 páginas
R\$ 23

O livro trata, de forma original, dos prazeres e horrores que habitam a alma de todos os escritores, que nunca têm certeza de que seus trabalhos encontrarão um público. Na obra, o autor insere uma figura real em uma situação imaginária, abrindo a possibilidade de transformar o intelectual inglês Richard Francis Burton em um novo personagem.

América Latina

A História por seus protagonistas

Cenário de José Martí, Bolívar, Pancho Vila, San Martín, Che... Basicamente se conhece a História da América Latina pelos contos europeus dos livros didáticos. O que seria destes "pobres" povos originários americanos se os desbravadores de mares não tivessem "descoberto" este continente? Estariam perdidos até hoje neste "fim de mundo"?

por Eduardo Seidl

"No mapa, a linha vermelha mostra o trajeto feito, a amarela o trajeto que espero fazer até Caracas. Tudo depende do que acontecerá daqui para frente. O caminho da viagem vai se fazendo a cada dia.



Fotógrafo e estudante de Jornalismo da Ufrgs. Desde o dia 8 de julho, ele viaja pela América Latina retratando a realidade dos vários povos. O destino final é Caracas, Venezuela, onde pretende expor durante o Fórum Regional das Américas, em janeiro de 2006.

Até hoje, assistimos à História daqui, pelos meios oficiais das classes dominantes, proprietários de terra, empresários, grupos partidários, exploradores. Viajando pelas estradas da América Latina se encontra uma versão distinta desta que nos contam. Ao entrar no Altiplano Andino, desviando dos centros urbanos, há povoados de costumes peculiares, trançados entre gerações que constroem uma sociedade longe de ser ou estar pobre.

Talvez do ponto de vista capital, pode-se concluir que são pobres, pois não têm mansões cercadas e protegidas por alarmes eletrônicos, não possuem meios futurísticos de transporte motorizado, tampouco variedade de equipamentos eletrônicos de conforto doméstico. Mas trabalham próximo à terra, em comunidade, e adaptam a vida à diversidade do ecossistema.

O que mais instiga, quando se percorre alguns países em um pequeno intervalo de tempo, é viver o conflito de classes, presente em todo o continente. De ver, com os próprios olhos, a quantidade de gente que vive, trabalha, ama, se reproduz. Cruzar a América é conhecer a semente da vida que, nos grandes centros movimentados por máquinas, já está apropriada, mercantilizada e infértil.



A idéia desta viagem nasceu a partir do estudo e da prática do jornalismo em Porto Alegre, da observação e participação em organizações sociais, do trabalho de documentação dos Fóruns Sociais Mundiais e da inconformidade diária à cultura do acúmulo do lucro, insustentável, competitiva, que oprime os menos capacitados. À cultura política que maneja massas em benefício de interesses de poucos, que faz apologia à cultura da dependência, percebida desde o vendedor de balas da sinaleira aos documentos redigidos nos sindicatos. Poderia dizer que esta hierarquização de classes é tradicional nas diversas civilizações no decorrer da História. Mas, está certa? É inevitável? Necessária?

A iniciativa da proclamação de um outro mundo possível ainda não declarou uma fórmula para se executar. Mas também não sei se é uma fórmula que devemos buscar, um método milagroso como solução para a independência dos povos.



Alfredo, duas horas para ir e voltar da escola todos os dias. Em Calchani, interior de Cochabamba, Bolívia.



Esta é a idéia da globalização capitalista: oferecer um plano de desenvolvimento comum para todos os países da América, através do Banco Mundial, entre outras instituições. Que oferecem um remédio e, de brinde, uma nova enfermidade. Não será o gringo ou o governo representativo que dirá sobre a independência do latino-americano. A liberdade se sustenta em bases políticas, econômicas e culturais de cada pessoa dentro de sua comunidade.

Talvez tenhamos mais respostas ao final desta peregrinação, em Caracas, durante o Fórum Regional das Américas. Seguro que teremos mais questionamentos. Isto, já considero um fruto dos mais saborosos. Todavia, não acaba ali. Porque não é uma tarefa, um trabalho, mas uma proposta de comportamento.

Uma atitude fotográfica, uma documentação das vidas, dos rostos, dos cultos e das práticas dos povos latino-americanos. Filhos de uma terra que presenteou o mundo com muita riqueza e que segue oferecendo matéria-prima, força de trabalho, lazer para os turistas, em troca de uma aculturação consumista, que deteriora os costumes autóctones, simples, solidários, harmônicos, coletivos, sustentáveis.

Sigo os caminhos da América buscando histórias, pensando nas inúmeras pessoas que as desfrutarão. Priorizando princípios que deixo como dica para viajantes ou não: curiosidade, coletivismo, atenção e coração sereno.

<http://celeuma.blogdrive.com> e www.pontodevista.jor.br

Na sequência acima, Francisco debulhando o milho para preparar a "Chicha" – bebida alcoólica fermentada – para as festividades de 2º de novembro, Dia de Finados. Fogo de chão em recinto fechado, separado do resto da casa. Nas casas do interior é comum a pedra de moer, usada para fazer farinha. Mulher amassa pimenta e tomate, conhecido como "aji", que acompanha todos os pratos. Não é comum usar sal.



Variedade de milhos do banco de sementes de uma comunidade de Calchani, Bolívia



Acima, encontro de campesinos em Cochabamba. Ao lado, casas de adobe, paralelepípedos de barro e palha, com telhado de palha. No Altiplano chove muito pouco, apenas em janeiro e fevereiro.





Ameaça ao meio ambiente

Onde jogamos o óleo que usamos para fazer frituras? A grande maioria das pessoas, é sabido, despeja o líquido inutilizado na pia ou em outro ralo, que vai dar em alguma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), que irá gastar muito mais no processo de tratamento. De acordo com pesquisas, um litro de óleo contamina cerca de 1 milhão de litros de água, o equivalente

ao consumo de uma pessoa no período de 14 anos.

Mas o que fazer com o óleo das frituras? Segundo especialistas da Secretaria Estadual de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento de São Paulo (Sabesp) o melhor a fazer é colocar os óleos utilizados em garrafas *pet*, fechá-las e colocá-las no lixo orgânico, pois na hora da triagem, estas serão abertas e vazadas no local adequado.

Três mil línguas vão desaparecer neste século

Metade dos 6 mil idiomas falados atualmente no planeta correm o risco de desaparecer ao longo do século 21. O alerta é da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). De acordo com o estudo, intitulado "Rumo às sociedades do conhecimento", essa possibilidade se agrava com o uso de novas tecnologias como a internet que, apesar de oferecerem vantagens, podem acelerar a "extinção" de certos idiomas ao favorecer a "homogeneização" em lugar da diversidade.

De acordo com o relatório, "três em cada quatro páginas na internet estão escritas em inglês. No entanto, o número de internautas cuja língua materna não é o inglês excede os 50%".

Segundo a Diretora Geral Adjunta desta organização, Françoise Rivière, as línguas mais ameaçadas são as menos divulgadas e especialmente as faladas em países africanos.

A Unesco recomenda que os países incentivem a aprendizagem de dois ou três idiomas desde o ensino fundamental e pede ao setor público e privado que invistam mais na tradução dos *softwares* e no desenvolvimento de conteúdos de internet em alfabetos diferentes do latino.

Massacre maia

Cerca de 50 esqueletos de homens, mulheres e crianças foram encontrados por arqueólogos nas ruínas da cidade-estado maia de Cancuén, na Guatemala. De acordo com a revista *National Geographic*, que divulgou o trabalho em novembro, trata-se de vítimas de um massacre ocorrido há 1.200 anos. Ornamentos encontrados com os corpos indicam que todos pertenciam à elite e que foram executados. Segundo o chefe da expedição, o americano Arthur A. Demarest, da Universidade Vanderbilt, estariam entre os mortos o rei, a rainha e membros da nobreza, que teriam sido assassinados em massa, muitos golpeados no pescoço ou na cabeça com lanças e machados.

A cidade-estado de Cancuén (que significa "local das serpentes") era uma das mais ricas do império, cujo palácio tinha uma área correspondente a cinco campos de futebol e mais de 170 quartos. Seu abandono é um mistério para os arqueólogos. Demarest, que explora a região desde 1996, acredita que as guerras e a conquista de uma cidade de tal importância estratégica, com o assassinato da classe dominante, tiveram um papel crucial na queda do império maia.

USP é parceira tecnológica da StatSoft

A Universidade de São Paulo (USP) fechou em outubro uma parceria tecnológica com a StatSoft South América, o braço sul-americano da StatSoft Incorporation, uma das maiores empresas no mundo na área de análise de dados e desenvolvimento de soluções estatísticas.

Pelo acordo, mais de 40 mil estudantes de graduação, de várias unidades da USP, das áreas relacionadas à matemática, terão o software *estatística*, que faz análise avançada de dados, para realizar pesquisas e fazer estudos aprofundados. A aliança contempla ainda palestras e cursos, ministrados por profissionais da StatSoft, para capacitar os alunos a extrair o máximo desta tecnologia, que permite recolher, organizar, classificar e interpretar conjuntos de dados e estatísticas essenciais, com alto poder de análise e facilidade de uso.

Esquecemos

Os créditos das fotos que ilustraram a matéria sobre o Quilombo Silva, na edição passada, são de Clarissa Pont, jornalista e fotógrafa da Veraz Comunicação, empresa responsável pela revista Adverso.

1998

Quarta edição da Marcha dos Sem, criada em 1995 por iniciativa do Fórum Gaúcho de Lutas. Neste ano, o evento aconteceu em julho e o tema foi "Contra o Neoliberalismo, por emprego, educação, moradia, saúde, terra e política agrícola".

a história

de quem faz

Ibanes Lemos





UNIDADE
C
LUTA

EMOS UMA
RMA QUE COLU
O ENSINO A
ICO DOS INT
ES DE TODA
OPULAÇÃO

NCIAS SOCIAIS
GREVE DE
ROTESTO!

GREV
CIÊNCIAS

GREV
LUTA

AGOS AOS
PROFESS
QUE APOIA
LUTA



CHAMAMOS AOS
PROFESS
QUE APOIA
LUTA



DOPS cercou
reunião dos
excedentes

Seção Sindical da ANURSSN
ADufrgs
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS

COMUNICAÇÃO